

Índice

Família: questão de estilo.....	1
---------------------------------	---

Família: questão de estilo

Qualquer visita à bibliografia atual sobre família leva-nos a um lugar comum: existem diversos estilos familiares. Quase ninguém fala já de famílias modelo, porque ninguém é quem para impor o seu estilo de vida aos outros. É verdade que existem muitas maneiras de ser família, mas também o é que há estilos familiares melhores do que outros.

Bem se poderia definir a tarefa de educar como o processo de imprimir caráter. A palavra “caráter” tem origem no grego clássico e significa “marca”, daí que o caráter se imprime. O temperamento, pelo contrário, é algo que se tem, nasce-se com ele, em muitos casos, herda-se. Este dá-nos uma temperatura pessoal determinada, uma disposição mais ou menos branda ou dura para receber a marca. Por isso, o caráter não se grava em todas as pessoas da mesma maneira: a forma de ficar marcados depende sobretudo do estilo com o qual nos tenham educado.

Estilo vem de *stilus*, nome que davam os antigos romanos aos furadores com que escreviam nas tábuas enceradas. Cada um tinha o seu *stilus*, o seu furador, e marcava a tábua à sua maneira. A mesma coisa acontece nas famílias: cada uma tem o seu estilo, a sua maneira de fazer as coisas, de enfrentar as adversidades, de celebrar, de organizar a casa, de falar, de se tratar, de exigir, de querer... cada uma tem a sua forma de imprimir caráter a todos os seus membros.

Há tantas maneiras de educar como pessoas, pois toda a educação exige uma relação pessoal. Educa-se cada filho de forma diferente, inteiramente personalizada, não têm validade as mesmas estratégias para pessoas diferentes. Pode-se dizer que quem educa do mesmo modo dois filhos, pelo

menos um deles não estará a ser bem educado. Os pais sabem-no: aquilo que funciona com o mais velho não serve com o mais novo, o que se adequa a um não serve para o outro. Qualquer filho é filho único.

Maneiras de educar

Todavia, podemos agrupar as infinitas maneiras de educar em cinco estilos educativos, consoante se interprete essa relação pessoal. Para obter os estilos principais, vamos ter em conta duas variáveis, sem a correta inter-relação das quais se torna impossível educar: a proteção e a autoridade.

Qualquer ato educativo cumpre duas funções principais: velar pelo desenvolvimento integral do educando (poderíamos chamá-lo proteção) e orientar esse desenvolvimento (através do exercício da autoridade). Como pais, temos de nos esforçar para que cada um dos nossos filhos venha a desenvolver todas as suas potencialidades, a ser o melhor que possa ser. Tal como um médico ou uma parteira, assistimos a esse segundo nascimento (a maturidade) e cortamos pela segunda vez o cordão umbilical. Mas também temos de intervir para que o processo não se desvie, devemos definir a direção, entregar-lhes uma carta de navegação para que não se percam e estar prontos para corrigir o rumo. Muita coisa.

Estilos de família extremos

Cada família tem um estilo, uma forma de utilizar o furador, de conjugar essas duas variáveis que são, como dissemos, a proteção e a autoridade. Algumas não acertam na medida justa, porque custa manter o equilíbrio entre as duas (não é fácil usar o *stilus*, há que manter o pulso e apertar o justo, às vezes pouco, às vezes muito). Esse desajustamento dá lugar a quatro estilos educativos que consideramos pouco positivos para imprimir caráter e que são os seguintes:

Estilo protecionista (exceso de proteção). Há pais que convertem a proteção dos filhos numa autêntica obsessão. Não levam em conta que um excesso de zelo os asfixia e, longe de educar, não permitem que se desenvolva o ser humano que está dentro deles, cobrem-nos com uma redoma de vidro e não se atrevem a cortar esse segundo cordão umbilical.

Estilo liberal (defeito de proteção). Adota este estilo a família que conta com “pais desertores”, ou seja, que não se assumem como aquilo que são. Não assistem ao desenvolvimento dos seus filhos, não educam, demitem-se das suas obrigações. São os chamados pais *missing*, desaparecidos, simplesmente não estão presentes, talvez porque têm medo de educar. Convertem os seus filhos em “órfãos de pais vivos”.

Estilo ditatorial (excesso de autoridade). Há famílias que entendem a autoridade como autoritarismo. Tal excesso provoca medo e tensão. Os pais que optam por este estilo, podem conseguir a obediência dos filhos, mas não educam; não têm em conta os seus filhos, decidem por eles. Como o Príncipe de Maquiavel, preferem ser temidos a ser amados, e não se apercebem de que sem amor não é possível educar.

Estilo anárquico (defeito de autoridade). Por causa do permissivismo, os pais não se atrevem nem sequer a orientar, a avançar com critérios, a apontar o caminho. São pais *light*, brandos, sem princípios, incapazes de exigir qualquer coisa, de impor normas e fazê-las cumprir. Acontece-lhes o mesmo que aos anteriores: têm medo dos seus filhos, medo de contrariá-los, que se agitem, mas não querem usar a autoridade.

Estilos e caracteres

Um estilo educativo não é algo abstrato, mas algo que se conforma na prática com base em ações contínuas, às vezes insignificantes (embora em educação nada careça de importância), destinadas a imprimir um determinado caráter.

Assim como na escrita antiga sobre tábuas de cera se obtinham caracteres diferentes dependendo do *stilus* ou perfurador que se utilizasse, do mesmo modo cada estilo educativo provoca um caráter próprio em cada filho. Estes estilos extremos geram sofrimento afetivo, o que se costuma traduzir em diversos transtornos de comportamento, como agressividade, desconfiança, hiperatividade, desobediência, birras, mentiras, palavrões, desordem...

Dependendo, logicamente, do temperamento e das circunstâncias de cada qual, os quatro estilos anteriores geram outros tantos caracteres. Assim, o protecionismo cria filhos superprotegidos, sem iniciativa, frágeis e pouco preparados para enfrentar a vida. O estilo liberal, pelo contrário, “gera” filhos com problemas de autoestima e dureza afetiva. Por seu lado, o estilo ditatorial provoca medo e suscita filhos complexados e inseguros. O estilo anárquico, por sua vez, desorienta e favorece que os filhos sejam pessoas caprichosas, tirânicas e pouco resistentes à frustração.

Resumindo, o excesso de proteção provocaria nos filhos fragilidade pessoal e a sua falha, dureza afetiva. Por sua vez, o autoritarismo geraria insegurança pessoal e a falta de autoridade, tirania afetiva.

Um exemplo

Poderíamos imaginar como atuaria um filho ou uma filha no caso de ter de entregar aos seus pais o boletim de notas com resultados negativos, consoante tenha sido educado com cada um destes estilos.

Provavelmente, um filho superprotegido seria vencido pela fragilidade e entregaria as notas mergulhado num mar de lágrimas, desculpando-se de todas as maneiras possíveis. Pelo contrário, o filho de pais desertores refugiar-se-ia na dureza afetiva e gabarse-ia das suas más qualificações diante dos seus iguais. Os pais autoritários ficariam provavelmente sem ver o boletim de notas do seu filho, pois a sua insegurança levá-lo-ia a escondê-lo para atrasar ao máximo uma dura reprimenda. Por último, um filho tirano atiraria as culpas das suas más notas para os seus progenitores e para os seus professores e exigiria ser tratado como vítima, não como responsável.

Estilo educador

É difícil achar na realidade estes quatro estereótipos. Claro que existem pais protecionistas, desertores, autoritários e permissivos mas, em geral, não os encontramos em estado

puro, sim misturados. Em educação há poucas coisas exatamente como são apresentadas nos “livros”.

Mas esta polarização pode-nos servir para encontrar um estilo educativo que saiba conjugar a proteção e a autoridade, o que poderíamos designar por *estilo educador*. Assim, os pais educadores protegem os seus filhos sem serem protecionistas, estão pendentes deles, por vezes, sem que isso se note, exercem a autoridade sem serem autoritários e são permissivos no superficial, mas firmes no importante.

Como atuariam os pais educadores perante classificações das notas do seu filho ou da sua filha mais baixas do que é habitual? Com toda a certeza, preocupar-se-iam muito, mas antes de tudo tentariam encontrar soluções; dialogariam com ele ou ela ao seu nível, com calma, procurando causas e não culpados; iriam de imediato à escola para estabelecer uma tutoria com o objetivo de obter mais dados e iniciar um plano de ação. Evidentemente, não confundiriam o seu filho ou filha com o boletim de notas, mas tão-pouco os desculpariam nem os justificariam, não tratariam de isentá-los das responsabilidades, mas ajudá-los-iam a encontrar uma saída que, provavelmente, exigirá maior envolvimento da parte de todos, cada um no grau que lhe caiba.

Todos os pais gostam dos seus filhos, não há dúvidas sobre isso; no entanto, nem todos sabem gostar deles. Gostar é fácil, difícil é gostar bem, isto é, saber antepor o seu bem a tudo o resto. Esse bom amor irá levá-los a ser exigentes, a dizer “não” muitas vezes, a deixar que se enganem, a não assumir as suas responsabilidades, a não afogá-los com o seu próprio zelo.

O estilo educador dá como fruto filhos sãos. Um filho são é aquele que se sente protegido e querido, que sabe contar com os seus pais para tudo, incluindo exigências a fazer com ele. Por se sentir protegido, virá a ter uma personalidade forte e uma afetividade equilibrada, e por ter pais que exercem corretamente a autoridade sentir-se-á seguro de si e respeitador dos outros.

Os filhos são não constituem filhos perfeitos, como tão-pouco o são os pais educadores, mas têm mais possibilidades de serem pessoas assertivas, livres e felizes.

As duas colunas

Proteção e autoridade, carinho e exigência, amor e disciplina, dão corpo às duas colunas sobre as quais se sustenta a educação. Não podemos educar sem afeto, sem carinho, sem estabelecer uma relação de apego que vai desde a simpatia até ao amor. Mas tão-pouco podemos fazê-lo sem apoiar o nosso trabalho na exigência, na firmeza, na disciplina. Ambas as bases são imprescindíveis tanto na relação de pais e filhos,

como na de professores e alunos. Sem afeto não se educa, treina-se; sem disciplina, muito menos, quando muito mima-se.

Um mínimo de afeto, um certo apego, seja a que nível for, torna-se imprescindível no processo educativo. Do mesmo modo que não se pode educar sem um mínimo de disciplina, muito menos se pode educar com frieza. É necessário criar uma espécie de campo magnético entre o educando e o educador para que o “milagre” aconteça. Ninguém pode arrancar de outro a sua melhor versão sem estabelecer com ele uma eficaz relação afetiva, tal como um escultor não pode esculpir a pedra sem a tocar, sem a acariciar com os dedos, como se quisesse ver com o tato as formas que vão surgindo a partir do seu interior.

Encher

Mas o escultor necessita de disciplinar o material, feri-lo com o estilete e limar as asperezas. Do mesmo modo, pais e educadores têm de fazer exigências, exigir disciplina e estabelecer limites. Disciplinar usa-se como sinónimo de castigar; pois de facto, o conceito traz-nos reminiscências de tempos passados, onde a disciplina se exercia ou se padecia de forma negativa; no entanto, para nós, não é a mesma coisa. Provém do verbo latino *disco*, que significa aprender, e do adjetivo *plenus*, cheio; daí que, pedindo licença à etimologia, disciplinar ou disciplinar-se teria a ver com encher ou encher-se de conhecimentos, de aprendizagem. Educar também é encher.

Na sua origem, adverte o sociólogo francês Edgar Morin, a palavra “disciplina” dava nome a um pequeno chicote para a pessoa se autoflagelar permitindo a autocrítica, e no seu sentido degradado converteu-se num meio para flagelar aquele que se aventurava no domínio das ideias que o especialista considerava serem de sua propriedade. Mas a educação não é uma disciplina, como pode sê-lo a biologia molecular ou a física quântica, mas o processo de ajudar a crescer uma pessoa.

Rotina consistente

Um exemplo de disciplina em educação seria algo tão simples como estabelecer o que o Dr T. Berry Brazelton, um reconhecido pediatra norte-americano, chamava uma “rotina consistente”. Não se trata de algo violento, nem pouco mais ou menos (pelo contrário, as rotinas devem ser planeadas com muito carinho), mas que exige rigor e firmeza da nossa parte e favorecendo que o nosso bebé coma ou durma melhor, que os

nossos filhos crianças sejam organizados ou que a nossa filha adolescente aproveite bem o tempo. Evidentemente, tudo isso redundará no crescimento pessoal.

Uma rotina é um processo ritualizado que favorece a consolidação de certos comportamentos. Como processo tem um ato inicial que desencadeia os posteriores e um ato final, que é o objetivo a conseguir. Assim, a rotina da hora de dormir do nosso bebê inicia-se com um banho sempre à mesma hora, a que se segue o jantar, uma atividade relaxante preparatória do sono (nunca ver televisão ou brincar com algo que o vá estimular), um beijo de “boa noite” aos membros da família, levá-lo para o quarto, pô-lo no berço com algum peluche se se considerar necessário, desejar-lhe bons sonhos, apagar-lhe a luz e sair do quarto. Com o decorrer do tempo, haverá que ir adequando a rotina à idade (horário diferente, duche em vez de banho, contar uma história, serem capazes de pôr o pijama, irem sozinhos para a cama...), mas o hábito já se terá adquirido.

Podem-se gerar muitos processos rotineiros: levantar-se, comer, brincar, higiene pessoal, fazer os trabalhos de casa escolares, sair de casa, tarefas... que, como uma “força suave”, fazem com que os nossos filhos sejam disciplinados.

O mesmo Dr. Brazelton considera a disciplina como ensino, não como castigo, e diz que o seu objetivo é que a criança adquira consciência dos limites. Brazelton, como todos os pais, sabe que sem limites não se pode crescer, como não se pode chegar ao destino sem seguir uma determinada rota. Isso, porque colocar limites não é limitar, não significa colocar um teto, mas pelo contrário, fazer com que esse teto esteja o mais alto possível. Quanto mais firmes forem os alicerces e mais robustos os pilares e as vigas (o afeto e a exigência), mais acima poderá ser colocado o telhado e mais alto ficará o edifício.

Exigência amigável

O rigor educativo não é conflituoso com o amor, mas pelo contrário, estão associados: ter exigência, dizer “não”, estabelecer normas e limites e fazê-los cumprir, são implicações diretas do ato de amor materno e paterno. Mesmo que pareça o contrário, a falta de exigência produz nos filhos uma sensação de desamor.

A exigência conjugada com o afeto (a exigência amiga) produz esse crescimento pessoal de que são responsáveis os pais. Esta perfeita conjugação dá como resultado o cuidado (aquilo a que os gregos chamavam *epimeleia*). A expressão máxima do amor aos filhos é esse cuidado maternal que converte o apego na forma adequada de fazê-los crescer. O cuidado implica atenção às necessidades do outro, mas também, proteção e correção. Aquele que cuida, limita e encoraja, acalma e estimula. Sentir-se cuidado significa saber-se aten-

dido e protegido, mas também sentir que se é corrigido se houver erro, que são avançadas limitações para aquilo que não convém ao filho (como o médico que não nos deixa comer tudo o que nos apetece), que os filhos são encorajados e estimulados.

O “bom amor” precisa dessa exigência e disciplina que o converte em “amor bom”. Por muito que gostemos de alguém, se não lhe queremos bem, não lhe queremos muito. A exigência amiga requer um amor exigente por parte dos pais que não se conforma com o simples querer, mas com o querer bem.

A boa saúde da família é uma questão de estilo. O estilo educador de uma exigência amiga converte a família num modelo de vida feliz e imprime-lhe caráter.

P. G. e C. G.